

FCPF MAGAZINE

NÚMERO 128

76
FUNDADO EM 1948
PELO DR. GILBERTO
DE MOURA FERREIRA

ENTREVISTA A

MIGUEL FALÉ

76 ANOS DE FC PF

HOMENAGENS E ATIVIDADES



FUTEBOL CLUBE
DE PAÇOS DE
FERREIRA

1950-2026

MUITOS PARABÉNS

ao Futebol Clube de Paços de Ferreira pelos seus 76 anos de história, dedicação e paixão.

A todos os sócios, que são o verdadeiro coração do clube, deixamos um agradecimento especial por fazerem parte deste percurso.

Juntos, continuamos a fazer história.





EDITORIAL

Por Paulo Gonçalves

A edição de abril da «FCPF Magazine» é sempre especial por coincidir com o aniversário do nosso Clube. O dia 5 de abril de 1950 marcou o início dos ricos 76 anos de existência de uma coletividade que nasceu humilde e que, mantendo esse atributo, soube crescer e alcançar feitos notáveis.

As comemorações deste ano centram-se na gente que fez o Clube, destacando-se a preciosa exposição patente no Museu Municipal de Paços de Ferreira, que retrata momentos inesquecíveis vividos com as nossas cores. A visita é “obrigatória” e serve para transmitir aos mais novos a mística pacense, garantindo que o Paços perpetue o seu espírito familiar.

Como manda a tradição, novos nomes integram agora o «Mural Pacense». São figuras de funções diversas, mas todas marcantes: Carlos Alberto, antigo atleta com três títulos (regionais e nacional) e histórico treinador da formação; o Dr. Manuel José, responsável clínico em momentos cruciais como a subida de 1990/91; e o Sr. Fernando “da Nossa Pensão”, dirigente que ao longo de duas décadas apoiou o Clube em todos os cenários. São nomes que nos honram e que abrem caminho para que, no futuro, outros distintos pacenses passem a figurar neste mural.

No plano desportivo, estamos de volta à Mata Real, onde fomos felizes no último jogo frente ao SL Benfica B. Sabemos que a II Liga é um campeonato muito competitivo, mas não esperávamos os desaires frente a Leixões e Leiria, que arrefeceram as expectativas. Contudo, essa realidade serve de alerta. O facto de defrontarmos hoje o líder da competição não nos retira o otimismo. Em Matosinhos, os nossos adeptos criaram uma mancha amarela como há muito não se via; é em forma de agradecimento a esse apoio que a equipa tem de dar tudo frente ao Marítimo. Precisamos dos três pontos para devolver a alegria a quem sofre por nós.

Nesta edição, entrevistamos também Miguel Falé. O jovem avançado, natural do Redondo, chegou em janeiro e conquistou rapidamente o seu lugar. Falé destaca a vertente humana da sua experiência: “O que destaco mesmo é a forma como o Paços me tem ajudado a voltar ao meu melhor nível; a trabalhar bem, a sentir-me feliz e importante”.

Poderá ainda ler sobre as chamadas de atletas da formação às seleções e a cerimónia de entrega das placas de certificação ao Clube. Que seja uma boa tarde desportiva. Vamos celebrar mais três pontos na nossa caminhada.

Força Paços!

FCPF MAGAZINE

Número 128. Março 2026.

Textos e Design: Sara Alves e Paulo Gonçalves; Wevolved | Fotos: Telmo Mendes e Luís Vilela

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

**“A FELICIDADE QUE SINTO
POR VIR TRABALHAR TODOS
OS DIAS TEM SIDO O PONTO
A DESTACAR”**

MIGUEL FALÉ



Sonhos – quem não os tem? Toda a gente, desde tenra idade, idealiza e projeta aquilo que gostaria de ser, ter ou ver no futuro. E, para muitos, é também desde cedo que se deparam com as dificuldades que surgem enquanto se luta por eles. Miguel Falé, atleta do FC Paços de Ferreira desde janeiro, é um destes casos. O desejo de um futuro no futebol fez com que desde os cinco anos percebesse que é preciso abdicar de várias coisas para ganhar outras tantas – e que cada “não” que se ouve pelo caminho pode apenas ser o início de algo maior. Recordamos com ele o seu trajeto até chegar à Mata Real.

Destes 76 anos de Paços, tu fazes parte dos últimos três meses. E que três meses têm sido estes?

Têm sido muito bons a nível pessoal. É um bocado clichê dizê-lo, mas estou a conseguir reinventar-me e a voltar a um nível que sei que posso atingir. Dentro do clube tem sido bom – temos todas as condições e o staff, colegas e todos os funcionários são cinco estrelas. Estou muito feliz aqui, e acho que isso se tem refletido.

Quando chegaste, disseste que não podias ter tido um início de ano melhor...

E continuo com a mesma opinião. Cheguei aqui para trabalhar bem, para mostrar o que posso dar ao clube e como posso ajudar a equipa, e é o que tento fazer todos os dias. É com essa felicidade que tento trabalhar diariamente, e não podia ter tido um melhor início de ano.

Há algo já a destacar particularmente? A estreia a marcar, por exemplo, já aconteceu.

Claro que a estreia a marcar é sempre um objetivo. Nós, avançados, lutamos por golos e assistências – por vitórias.

Mas o que destaco mesmo é a forma como o Paços me tem ajudado a voltar ao meu melhor nível; a trabalhar bem, a sentir-me feliz e importante. A felicidade que eu sinto por vir trabalhar todos os dias, ajudar e sentir que contam comigo tem sido o ponto a destacar. É também isso que me tem libertado e dado mais confiança para poder dar sempre o meu melhor.

Também conseguiste desde cedo um lugar no «onze». Um sinal de que a adaptação foi rápida?

Sim. Eu já conhecia alguns colegas, mas mesmo os outros foram espetaculares comigo desde o dia em que cheguei. Penso que percebi rápido os objetivos da equipa e a forma como queríamos levar isto para a frente, e acho que me consegui integrar bem no plantel. Além disso, como referi, também o grupo e o staff me acolheram mesmo muito bem, deram-me muita confiança diariamente para mostrar o meu futebol, e isso é muito importante para o que acontece dentro do campo.

Falaste com os colegas que já conhecias antes de assinar?

Sim, falei. Principalmente com o Nuno. Disse-me logo que este era um dos melhores balneários que já teve; que a malta era cinco estrelas e que eu podia estar completamente à vontade. Falou-me também das condições que tínhamos. Eu já tinha vindo cá jogar, mas não tinha a noção das condições que a equipa da casa tinha. Ele disse-me que se destacavam, que tínhamos tudo aqui, e, efetivamente, confirmou-se. Confiei nele e foi uma decisão totalmente acertada.

E além das opiniões recolhidas, o que é que te fez também assinar pelo Paços?

Dizer agora que sempre gostei do clube é muito fácil. Mas a verdade é que foi sempre muito difícil vir jogar aqui, toda a gente o dizia, e isso sempre me prendeu muito a atenção. Lembro-me de, quando era mais novo, ver os grandes a jogar cá e ser difícil para eles; era sempre um jogo bom de se ver. Das vezes que cá joguei, também estava sempre muita gente a ver os jogos, assim como se verifica este ano, e o Paços passava essa imagem de equipa aguerrida. Nós sabemos que o Paços é um clube enorme, e a minha decisão foi também por aí – por achar que é um clube que, independentemente da situação em que está, tem muitas aspirações, sonhos e objetivos. E eu identifico-me bastante.

Mencionaste os adeptos e a sua presença – tanto em casa como fora. Eles têm um papel determinante.

Penso que falo por mim e pelos meus colegas quando digo que, independentemente de estares bem ou mal, de vires de uma derrota ou de uma vitória, quando chegas ao estádio e vês que está bastante composto pelos teus adeptos, a gritarem por ti, isso dá-te uma motivação extra. É lógico. E eles são muito importantes – para não dizer que são o fator mais importante quando jogamos em casa... e fora também. Do que tenho conhecido, sei que os nossos adeptos são pessoas que, aconteça o que acontecer, estão aqui a dar a vida pelo clube. É muito bom sentir isso e ver que estão sempre do nosso lado e nunca nos vão deixar cair. Essa segurança dá-nos muita confiança quando estamos a jogar.

Este é o teu regresso a Portugal, depois de uma curta passagem pela Grécia. Encontraste aqui o que te estava a faltar?

A palavra certa é estabilidade. Tendo em conta a minha idade e o que eu precisava neste momento, foi exatamente isso que encontrei. Precisava de jogar; de ser relativamente importante para a equipa e de me sentir bem comigo mesmo. Encontrei a estabilidade diária do trabalho, a estabilidade de saber que estou a fazer as coisas bem, que estamos todos bem uns com os outros no balneário, que é um grupo leve e de homens trabalhadores. Sinceramente, não trocava esta estabilidade por nada neste momento.

Depois de uma série de três resultados positivos, vieram duas derrotas. Como está o grupo?

Este é um plantel com jogadores jovens, mas também com jogadores muito experientes que têm conseguido levar o grupo e tomar as decisões corretas a nível emocional. Principalmente, porque conhecem esta Liga e sabem que é muito competitiva até ao fim. É no final que se



fazem as contas. Temos trabalhado bem e temos pessoas experientes que nos vão levar a bom porto e estão conscientes do que se está a fazer. Por isso, temos de estar focados no que temos a fazer e trabalhar com a cabeça e não com o coração. Quando vamos com o coração, as coisas começam a sair do nosso controlo e tanto pode correr muito bem, como pode correr muito mal. Vamos para cada jogo com a mesma missão – ganhar –, para concretizarmos os nossos objetivos no final da época.

Vamos recordar o teu percurso. Como era a vida do pequeno Miguel, no Alentejo?

Até aos cinco/seis anos foi uma vida muito feliz, de um miúdo que estava sempre a jogar à bola. A minha família nunca foi de muitas possibilidades, mas também nunca me faltou nada. Entretanto, a partir dessa idade, fui para o Benfica, e aí começou a ser uma infância mais dura. Chegava cedo da escola, ia para Lisboa treinar e voltava para casa. Tinha essa rotina todas as semanas. Já os fins de semana eram passados em Lisboa para jogar. A partir dessa idade, não ia às festas de anos, não ficava na escola a brincar, e começou a ser mais duro nesse sentido. Mas fazia o que eu queria. Segui o meu sonho e valeu mesmo a pena.

Fazias a viagem do Redondo para Lisboa quantas vezes por semana?

Três a quatro vezes. Fazia cerca de 200 quilómetros para cada lado. Em dias de jogo ou torneios era particularmente difícil, porque quando chegava já tinha feito 200 quilómetros, depois de ter acordado às 02h ou 03h da manhã. E os meus colegas estavam a cinco minutos do campo... Confesso que achava um pouco ingrato, mas também foi isso que me tornou uma pessoa forte psicologicamente; que vai à luta e nunca deita a toalha ao chão.

Apesar de estares a fazer algo que querias, eras muito novo. Tornou-se mais difícil quando, eventualmente, começaste a “comparar” com as rotinas dos teus amigos?

Era duro em todos os aspetos. Foram sete anos de viagens e, como disse, nunca foi fácil lá em casa. Se a mim me custava, ao meu pai deve ter custado o triplo ou mais. Depois do trabalho, ele lá ia comigo. Sempre! Eu não sei se teria coragem para o fazer, e por isso dou-lhe o máximo valor. E não posso deixar de estar grato, porque, se estou aqui hoje, sem dúvida alguma é graças ao meu pai e à minha mãe, que fizeram um esforço enorme. Mas sim, a vida no Alentejo sempre foi difícil. Tinha amigos, mas não ficaram para a vida, porque os meus amigos acabaram por ser desde muito cedo os meus colegas de balneário.

Percebeste cedo que o futebol seria o teu futuro, ou o «click» deu-se mais tarde?

Foi o meu sonho desde sempre. Não me lembro de ter pensado noutra coisa na minha vida. Quando estava no Benfica sonhava fazer a formação e ir até aos seniores, e não vou mentir: doeu-me quando fui dispensado e voltei para o Alentejo, para o Lusitano. Mas nunca pensei que não fosse este o meu caminho. Com a ajuda do meu pai e da minha mãe – mas o meu pai é quem está sempre na linha da frente comigo – reagi da forma mais certa possível. Parece que mudei o jogador que era e explodi. E em seis meses assinei pelo Braga.

Então estiveste pouco tempo no Lusitano.

Seis meses. Depois assinei pelo Braga aos 13 anos, mas quando vim para cima foi outra história um pouco dura. Basicamente, eu ia ficar em Braga – mas não consegui ficar. Não consegui. Tive de voltar para casa. Já tinha contrato assinado com o Braga, mas fui emprestado ao Lusitano para terminar a época, e no início da temporada seguinte voltei. Nesse meu primeiro ano no Campeonato Nacional Sub-15 fiz muitos golos. Eu abdiquei de muita coisa para ir para longe de casa com 14 anos, doeu, mas pensei: “Agora tem de ser. Não tenho outra hipótese. Abdiquei de tudo o que tinha, da minha família, por isso tenho de dar ao chinelo. Se não, nada disto vai compensar”. Tudo o que o meu pai já tinha feito, toda a dor que eu já tinha sentido depois de ter sido dispensado do Benfica e ter regressado ao Alentejo... Digamos que esse regresso foi um pouco difícil, porque as crianças são duras. Quando estava no Benfica era o melhor, e quando volto...

Ouviste alguns comentários negativos?

Muitas coisas. Muitas comparações injustas também. Mas sinto-me muito feliz por ter tido um suporte familiar que nunca me faltou e por ter conseguido dar a volta. Com 13 anos não decides muito bem o que vai acontecer, o que vais fazer, se vais dar a volta ou não, e esse suporte é essencial. Depois disso tudo, a decisão de ir para Braga foi muito fácil, por todas as condições. Foi aí que eu conversei com os meus pais e disse que isto era mesmo o que queria, era o meu sonho. “Agora já estou bem ciente do que quero e vou abdicar um bocadinho de vocês e da felicidade em que vivemos, para passarmos anos bem duros”.

Valeu a pena. Hoje tenho a certeza de que os meus pais estão muito orgulhosos de mim e são muito felizes com a vida que eu tenho e com a vida que eles têm também.

Não teres conseguido adaptar-te a Braga da primeira vez estava relacionado com a dispensa do Benfica e com esses comentários?

O que dificultou esse momento foi a família. Eu já tinha ido fazer alguns torneios e treinar, mas quando fui para ficar de vez... a despedida custou imenso. Eu, os meus pais e a minha irmã sempre fomos muito unidos, muito felizes, então esse momento de ter de deixá-los foi das coisas que mais me doeram na minha vida. Se eu tivesse ido sozinho de autocarro, podia ir a chorar o caminho todo, mas ia lá ter. Agora aquela despedida em si matou-me completamente. Ainda tentamos arranjar algumas soluções, mas não deu. E voltei, pela minha família, pelo meu avô também, que era das pessoas mais chegadas a mim. Esse foi o motivo, e não o medo de ser ou não o passo certo. Até porque eu vivo muito o agora – se não der, não dá e para a próxima corre melhor. Não sou aquela pessoa que pensa que o comboio passa uma vez e acabou o mundo. Acordo todos os dias com a oportunidade de ser melhor e de poder mostrar a pessoa que eu sou.

**“ O PAÇOS (...) TEM
MUITAS ASPIRAÇÕES,
SONHOS E OBJETIVOS.
E EU IDENTIFICO-ME
BASTANTE.”**

MIGUEL FALÉ

No Braga fazes aquilo que pensavas fazer no Benfica. Da formação ao profissional.

O Braga deu-me tudo. Apostou em mim. Tinha muita gente que gostava de mim e muita gente que não gostava, mas também meti muito cedo na cabeça que tinha de trabalhar e tinha de viver para aquilo. Seria muito duro para mim se eu estivesse a desperdiçar uma oportunidade daquelas, com aquelas condições todas de trabalho, num clube gigante. Via o estádio lá em baixo todos os dias e sabia que estava a um pouquinho de chegar lá. E nunca me custou nada abdicar das saídas, da noite... Já tinha abdicado tanto da minha família e dos meus amigos desde cedo, que nessa fase da adolescência não me custou nada abdicar dessas coisas todas.

E a tua evolução no clube foi muito rápida.

Foram os melhores anos da minha vida. Aliás, o que sinto hoje no Paços, já não sentia desde essa fase no Braga. Lembro-me de estar feliz, de não me importar de falhar e ir outra vez, de estar confiante. Mas, sim, foi tudo muito rápido, sinceramente. Nos Sub-15 fiz muitos golos, depois nos Sub-16

subo para os Sub-17 com o mister Custódio. Nesse ano, o mister Custódio assume a Equipa A e leva-me com ele, com 16 anos – não cheguei a jogar, mas fiz o final da época. No ano a seguir, já jogo nos Sub-23 e estreio-me com a Equipa A – graças ao trabalho que o mister Custódio fez comigo e, claro, graças ao mister Carvalho que foi quem apostou e acreditou em mim. Aproveitei, joguei alguns jogos, fui feliz e concretizei o meu objetivo. Acabou por ser numa casa que eu não estava nada à espera e que se tornou minha. Foi onde fui mais feliz, onde conheci o meu empresário, onde conheci a minha namorada... Passou a ser a minha casa.

Muitas memórias dessa estreia na Primeira Liga?

A estreia foi a 30 de dezembro de 2021. Nessa altura, estava a trabalhar com os Sub-23 e fui de férias de Natal. No dia de Natal mesmo ligam-me e dizem “Tens de te apresentar amanhã, porque vais treinar com a Equipa A”. O Ricardo estava com COVID e o mister Carvalho, de tantos que podia ter escolhido, escolheu-me a mim. Foi a maior felicidade da minha vida.





Uma grande prenda de Natal! Apanhei o autocarro para cima, treinei 26, 27, 28 e 29, e no dia 30 estreei-me e a titular. Sou muito grato ao mister Carvalho, porque tinha mais extremos na equipa, noutros escalões do Braga, e escolheu-me a mim para jogar aquele jogo. A partir daí, integrei a equipa A e jogava ainda nos Sub-23.

As chamadas à Seleção também foram surgindo na tua carreira. Num passado mais recente, estiveste na final do Euro 2023 (Sub-19). Foi o melhor e, por outro lado, o momento mais difícil com a Seleção?

Foi dos momentos mais marcantes. Tínhamos uma equipa muito coesa. Éramos os mesmos desde os Sub-15, conhecíamos-nos e jogávamos muito bem, era um balneário incrível. Era indiferente se jogavas

a titular ou não. Estávamos todos a puxar para o mesmo lado e a viver o sucesso do outro dentro de campo. Parece cliché, mas era mesmo isso que acontecia. Foram cerca de dois meses e foi perfeito – até perdermos a final com a Itália. É um misto de emoções. Éramos a melhor seleção, de longe, mas as finais ganham-se, e eles marcaram muito cedo, fecharam-se, como é típico de uma equipa italiana, e foram melhores. Foi complicado, mas saímos com um sentimento de orgulho muito grande.

És emprestado ao Castellón em 2023/2024. O que motivou essa saída?

Na minha cabeça não fazia sentido vir da Equipa A e voltar para a Equipa B. O mister Artur Jorge tinha as referências e as apostas dele, e eu pensei que se não fui opção no início da época, então não me iria querer mais. Decidi experimentar outra coisa e a ida para Espanha foi um abrir de olhos – “Há muita coisa para lá do que acho”. No terceiro escalão de Espanha havia qualidade que eu nunca tinha visto, se calhar. E jogávamos sempre com o estádio cheio; com 15.000 pessoas. Em termos de estrutura, os espanhóis eram muito rigorosos. Os treinos também eram no limite, mesmo o último antes do jogo. Tudo isso custou-me um bocado, porque eu estava habituado a jogar sempre, e ali custou-me não jogar. Sentia que treinava muito bem, mas tinha malta mais velha, mais experiente e é assim que as coisas funcionam e agora percebo bem isso. No fundo, joguei muito pouco, mas aprendi muito mesmo! Nisso, em termos de nutrição, de ginásio... E o tipo de jogo também era muito mais rápido. Cá as arbitragens param muito o jogo, e lá eu jogava 15 minutos e parecia estar a jogar há uma hora. Aprendi a gerir-me.

Voltar a Portugal, para o Mafra, foi no sentido de ter mais tempo de jogo?

Eu digo que aprendi muito e foi muito positivo, sem dúvida, mas eu, com 19 anos, também ia para jogar. Era muito novo, se calhar foi um passo difícil, mas ia para jogar. E como isso não estava a acontecer, decidi procurar outra coisa e surgiu o Mafra – e ainda bem, pois deu-me a mão num momento em que precisava. Pude voltar a jogar, voltar ao meu país, estar um bocadinho mais tranquilo e ter essa estabilidade. Vinha para a Segunda Liga, uma liga muito competitiva como sabemos, e foi bom.

A oportunidade na Grécia, no Panserraikos, surge como?

Eu desço com o Mafra. Não posso dizer que faço uma época boa, porque, quando se desce, descemos todos, mas faço uma época competitiva, em que me senti bem, com muitos minutos. Tinha propostas, como essa e noutros campeonatos, e decidi que estava pronto para um novo capítulo da minha vida. Podia dar um salto e foi o que tentei fazer.



A adaptação correu bem?

Lindamente. Tinha lá atletas que falavam português também, e a adaptação foi muito fácil. Depois também passei a dominar mais o inglês, já conseguia fazer parte do grupo sem ser só em português, e isso ajudou bastante. Eu estava a jogar, sentia-me relativamente importante, até que começou a haver problemas... Quer dizer, já havia desde o início da época, mas tivemos de deixar passar alguns meses para podermos fazer queixa na FIFA – porque não estava a dar para aguentar mais sem os salários. Ao início fomos aguentando, mas tornou-se difícil e tivemos de rescindir. Mas foi um campeonato bom, tive boas experiências com clubes enormes, e foi uma boa experiência.

Que marca queres deixar agora no Paços?

Se eu tivesse 18 anos e estivesse a chegar, dizia-te que queria marcar muitos golos e fazer muitas assistências. Óbvio que quero isso – entro em todos os jogos para marcar e para ganhar e para ser o melhor, sem dúvida alguma – mas quero, principalmente, deixar uma marca nas pessoas. Quero ser uma boa pessoa, ajudar as que estão aqui, sentir que sou importante, que continuo a dar o meu contributo de forma positiva e que não sou uma mochila pesada nas costas do clube. Esse é o meu objetivo principal e é assim que me quero sentir aqui. Seja no banco, a titular, a marcar, numa boa fase, numa má fase – quero que contem comigo e eu estou aqui para ajudar no que puder.

“QUERO (...) DEIXAR UMA MARCA NAS PESSOAS.”

MIGUEL FALÉ



PROGRAMAÇÃO

02 DE ABRIL • 20h30

Conferência "**Apoiar sem Treinar: O Papel dos Pais na Formação**", na Casa da Cultura de Seroa

03 DE ABRIL • 17h00

Inauguração da exposição "**A História faz-se de Paços**", em exibição no Museu Municipal até 30 de abril

04 DE ABRIL • 10h30

Homenagens no Mural Pacense

05 DE ABRIL • 10h30

Hastear da Bandeira

05 DE ABRIL • 11h00

Homenagem a Dirigentes, Jogadores, Treinadores, Funcionários e Adeptos já falecidos

23 DE ABRIL • 20h30

Conferência "**Futebol Feminino: Presente e Futuro**", no Museu Municipal

25 DE ABRIL

29.º Encontro de Atletas, Treinadores, Dirigentes e Funcionários do FC Paços de Ferreira

AOS 76 ANOS DO FC PAÇOS DE FERREIRA!

Abril, mês do Futebol Clube de Paços de Ferreira. Na programação dos 76 anos do clube, o foco está em celebrar a história, encantar o presente e projetar o futuro com todos os Pacenses.

O dia 5 de abril é especial para toda a Família Pacense. Em 1950, nascia o Futebol Clube Vasco da Gama – o «nosso Paços» – motivo de orgulho de toda uma região e paixão comum a tantos. Este ano, o 76.º da sua história, as comemorações não se prendem a um só dia, mas sim a todo o mês, com várias iniciativas que pretendem aproximar ainda mais o clube das suas gentes.

O pontapé de saída aconteceu no último dia 2 de abril, com a conferência “Apoiar sem Treinar: O Papel dos Pais na Formação”, que teve como objetivo reunir os vários intervenientes no crescimento de jovens atletas para um debate sobre o lugar de cada um no acompanhamento dos mesmos. Já no dia 3, ocorreu a inauguração da exposição “A História Faz-se de Paços”, em exibição no Museu Municipal de Paços de Ferreira até 30 de abril. “Nós queríamos que as comemorações fossem as mais abrangentes possíveis e destacassem, de alguma forma, todas as modalidades do clube. E depois havia também a particularidade de fazermos com que o FC Paços de Ferreira estivesse mais presente entre as pessoas”, afirmou Miguel Martins, vice-presidente do emblema pacense.



A exposição, iniciativa inédita, retrata os 76 anos de história, “e o facto de não ser feita nas instalações da Mata Real, mas sim no Museu Municipal, é precisamente por ter sido considerado importante levar o Paços à comunidade e criar uma maior envolvimento”, acrescenta. A curiosidade de conhecer as taças, os galardetes e as camisolas que simbolizam as maiores conquistas do «Vasquinho» foi notória desde o momento da divulgação, pelo que toda a direção “espera uma boa adesão a esta iniciativa, tendo em conta que estes exemplares não podem ser vistos todos os dias”.

Estas celebrações contarão também com as homenagens no Mural Pacense, no dia 4 de abril. O ex-atleta Carlos Alberto, o doutor Manuel José e o ex-dirigente Fernando Pinto são as figuras em destaque este ano – “pessoas que deram muito da sua vida ao FC Paços de Ferreira”, como adiantou Miguel Martins. As comemorações prosseguem no dia seguinte, 5 de abril, com o hastear da bandeira e a homenagem a todos os pacenses já falecidos, no Cemitério Municipal de Paços de Ferreira.

Na reta final de abril, decorrerá uma nova conferência, “Futebol Feminino: Presente e Futuro”, a acontecer no Museu Municipal. Quase a encerrar as festividades, surge o 29.º Encontro de Atletas, Treinadores, Dirigentes e Funcionários no 25 e abril, como é já habitual. O programa desta atividade contempla o tradicional jogo na Mata Real, o almoço-convívio e uma visita à exposição. Os interessados podem desde já fazer a sua inscrição através do contacto 917 867 749.

“A direção gostava que os adeptos tivessem um envolvimento muito próximo do clube neste aniversário e usufríssem das várias iniciativas”, reforçou ainda Miguel Martins.

CARLOS ALBERTO ATLETA



Nascido na mítica Cavada, o percurso do Dr. Manuel José confunde-se com a própria história do FC Paços de Ferreira. De atleta da formação a médico do clube durante décadas, a sua ligação às cores pacenses é, mais do que profissional, umbilical.

Pacense de corpo e alma, defendeu sempre, com “unhas e dentes”, o emblema da sua cidade. Se a opção pelos estudos superiores travou o sonho de uma carreira como futebolista, abriu as portas ao prestigiado médico que viria a servir o clube que ama.

Carlos Alberto foi um extremo que tratava a bola com distinção e que, desde cedo, despertou a atenção dos responsáveis do FC Paços de Ferreira. Vizinho do antigo Campo da Cavada, foi ali que se formou, a correr com a bola colada ao pé no pelado que hoje habita o imaginário das gerações mais antigas de Pacenses.

Com lugar garantido na equipa sénior, jogou lado a lado com figuras como Rola e Canavarro. Foi, aliás, um dos poucos — a par de Pimenta — a conquistar os três primeiros títulos da história do clube. Em 1967/68, participou na conquista da 2.ª Divisão Distrital da AF Porto, o marco inicial da ascensão definitiva do clube. Mais tarde, em 1972/73, voltou a celebrar: desta vez o título da 1.ª Divisão Distrital, que pela primeira vez abriu as portas de Paços de Ferreira às competições nacionais.

A memorável época de 1973/74 voltaria a contar com o talento do extremo pacense. Após vencer a Série A da 3.ª Divisão e ultrapassar o Alba, a equipa disputou o título nacional frente ao Estrela de Portalegre. O encontro, realizado em Leiria a 14 de julho de 1974, ficou decidido no último minuto do prolongamento. O golo de Mascarenhas selou o triunfo inédito e immortalizou o nome de Carlos Alberto na galeria de ouro da instituição.

Irmão mais velho de Jorge Silva e Rogério — também eles com passado ligado à camisola amarela —, Carlos Alberto retirou-se dos pelados, mas nunca se afastou do futebol. Durante largos anos, dedicou-se a transmitir o seu saber nas camadas jovens do FC Paços de Ferreira, moldando o caráter e a técnica de centenas de atletas que lhe passaram pelas mãos.

Licenciado em Medicina por Santiago de Compostela — onde constituiu família —, iniciou a sua atividade clínica precisamente no departamento de formação. Daí ao escalão profissional foi um passo natural, onde a história se encarregou de o eternizar: o Dr. Manuel José foi peça fulcral na primeira subida à 1ª Divisão Nacional (1990/91), repetindo o sabor do sucesso em 1999/00, 2004/05 e no histórico apuramento para a Taça UEFA, em 2006/07.

Após uma vida de dedicação ao FC Paços de Ferreira, o médico retirou-se para se focar na sua atividade clínica privada. Atualmente, goza a sua reforma repartindo os dias entre a Galiza e a sua terra natal, mantendo Paços de Ferreira, como sempre, no lado esquerdo do peito.

DR. MANUEL JOSÉ MÉDICO



FERNANDO PINTO

DIRIGENTE

Um dirigente histórico do FC Paços de Ferreira que, sem procurar os holofotes, foi o ponto de equilíbrio de sucessivas direções ao longo de mais de duas décadas. Conhecido carinhosamente como "Sr. Fernando da Nossa Pensão", este homem de consenso moldou o clube através de posições moderadas e conciliadoras, tanto nos momentos de glória como nas horas de maior dificuldade. Quase sempre com o pelouro das obras e instalações desportivas sob a sua responsabilidade, o seu trabalho silencioso foi o alicerce de muito do que o clube representa.

A sua dedicação extravasava as reuniões de direção. Foi no seu Restaurante Aidê, no Paços Ferrara Hotel, que muitos jogos memoráveis começaram a ser ganhos à mesa. Era ali que a equipa profissional estagiava antes de partir para a Mata Real, sob o olhar atento e afável do Sr. Fernando. Mais do que um anfitrião, ele dava o exemplo, tratando pessoalmente da logística e garantindo que nada faltava aos atletas.

Para muitos jogadores que chegavam à cidade, o Sr. Fernando foi o primeiro rosto da hospitalidade pacense. Acolhidos no seu hotel até encontrarem habitação definitiva, os atletas recebiam dele o cuidado e o carinho necessários para uma integração feliz no clube e na região.



Como diretor, acompanhou o FC Paços de Ferreira além-fronteiras, marcando presença nos momentos mais dourados da nossa história: desde a estreia na Taça UEFA, na Holanda, às finais da Taça de Portugal e da Taça da Liga, sem esquecer a inesquecível presença na Rússia, no play-off da Liga dos Campeões.

Sempre pronto a ajudar, muitas vezes com sacrifício pessoal e profissional, o Sr. Fernando Pinto é uma figura incontornável. É com inteiro mérito que o seu nome figurará, para sempre, na galeria dos mais importantes e dedicados dirigentes da história do nosso Clube.

“A HISTÓRIA FAZ-SE DE PAÇOS”

MUSEU MUNICIPAL



ATÉ 30 DE ABRIL

Terça a Sexta: 09h-13h | 14h-17h

Sábado: 14h-17h





BREVES FCPF



FORMAÇÃO: QUARTETO PACENSE NA SELEÇÃO NACIONAL SUB-15

Hugo Coelho, Gonçalo Oliveira, Gustavo Sousa e João Bragança, atletas do escalão Sub-15 do FC Paços de Ferreira, estiveram presentes na última sessão de trabalhos da Seleção Nacional. Esta foi a primeira chamada para cada um dos quatro jovens Castores.

Durante os dias 13 e 15 de março, o quarteto pacense participou num torneio inter-seleções na Cidade do Futebol. Este foi, por isso, um estágio de carácter observatório, para o qual foram chamados 72 jogadores, posteriormente divididos em quatro equipas. Cada uma das equipas jogou entre si, num total de três partidas por equipa.

COLEGAS ELEGEM RAFA COMO JOGADOR DO MÊS DE FEVEREIRO

Chamados mais uma vez a eleger o Jogador do Mês Solverde.pt, os atletas do FC Paços de Ferreira escolheram Rafa Oliveira para receber o prémio relativo a fevereiro. Para o guardião de 22 anos, que chegou no início desta temporada à Mata Real, esta distinção traz ainda mais motivação para dar continuidade ao seu percurso: “É bom receber este prémio dos meus colegas. É um sinal de reconhecimento do trabalho que tem vindo a ser feito”.

Rafa Oliveira foi titular na baliza pacense nos três jogos realizados no mês de fevereiro, diante de Sporting CP B, SCU Torreense e FC Porto B. Um mês “menos bom” (duas derrotas e um empate), tendo em conta aquilo que seriam as ambições da equipa, mas que, segundo o guardião do FC Paços de Ferreira, não iria impedir a equipa de “dar a melhor resposta” nos duelos seguintes.

Após a receção do prémio, Rafa Oliveira deixou também uma mensagem a todos os adeptos: “Espero que nos ajudem e que nos continuem a apoiar, pois eles serão essenciais até ao fim do campeonato”.

FUTEBOL E FUTSAL COM FORMAÇÃO CERTIFICADA

A tradicional Gala da Certificação organizada pela Associação de Futebol do Porto aconteceu ainda no último dia do mês de fevereiro, no Teatro Municipal de Vila do Conde. Esta cerimónia oficial marca a “entrega de placas e diplomas às entidades formadoras que concluíram com sucesso o processo de certificação promovido pela Federação Portuguesa de Futebol em conjunto com a subcomissão distrital”, como se pode ler na nota oficial deixada pela associação desportiva.

Representado pelo seu presidente, Rui Abreu, o FC Paços de Ferreira recebeu as distinções de Entidade Formadora de Futebol Masculino (4 Estrelas), Futebol Feminino (3 Estrelas) e Futsal (3 Estrelas).

“A certificação representa um marco no compromisso com a excelência formativa”, como esclareceu o presidente da AF Porto, José Manuel Neves.



VLAD AO SERVIÇO DA SELEÇÃO NACIONAL SUB-17



O jovem extremo do FC Paços de Ferreira, Vlad, integrou os trabalhos da Seleção Sub-17 de Portugal, após nova convocatória do treinador nacional José Lima. A Equipa das Quinas disputou em Itália a Ronda 2 da qualificação para o Campeonato da Europa de 2026, que se realiza na Estónia, mas não conseguiu a vaga para a fase final da competição.

Vlad foi titular no primeiro jogo, contra a seleção italiana; entrou aos 62 minutos do encontro com a Roménia e foi titular novamente na partida frente à Islândia, tendo feito a assistência para o único golo de Portugal.

DESCARREGA A NOVA APP

GOOGLE PLAY



APP STORE



HORÁRIOS, RESULTADOS,
CLASSIFICAÇÕES E PLANTÉIS

NOTÍCIAS SOBRE O FC PF

BILHETEIRA E QUOTAS

LOJA DO CASTOR

BENEFÍCIOS PARA SÓCIOS

ÚLTIMOS JOGOS

Jornada 24



0-0

FC PAÇOS DE FERREIRA X UD OLIVEIRENSE

Jornada 25

Marcadores: Falé
e João Vítor (2)



2-3

PORTIMONENSE SC X FC PAÇOS DE FERREIRA

Jornada 27

Marcadores: David Costa
e João Vítor



3-2

: LEIXÕES SC X FC PAÇOS DE FERREIRA

Jornada 20



2-0

UD LEIRIA X FC PAÇOS DE FERREIRA

Jornada 26

Marcador: Anilson



1-0

FC PAÇOS DE FERREIRA X SL BENFICA B

MELHOR MARCADOR

7 Golos

JOÃO VICTOR

MÉDIA DE ESPECTADORES

6º Lugar

1868

CLASSIFICAÇÃO

30 pontos

14º LUGAR

PRÓXIMOS JOGOS



X



FC FELGUEIRAS

10 de abril | 18h45



X



GD CHAVES

18 de abril | 11h00



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
À sua marca gráfica

